

RIBEIRO, João Ubaldo. *Política: quem manda, porque manda, como manda*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

Adller Moreira Chaves¹

O baiano João Ubaldo Osório Pimentel Ribeiro ficou internacionalmente conhecido por seus romances *Sargento Getúlio* e *Viva o Povo Brasileiro*, mas sua contribuição não é só para esse gênero literário. Seu ensaio *Política: quem manda, porque manda, como manda* é uma obra de grande valia para os iniciantes que visam estudar a área, bem como as disciplinas que introduzem a discussão sobre política nos cursos de Administração. Nascido em Itaparica no ano de 1941, João Ubaldo Ribeiro, formou-se em Direito na Universidade Federal da Bahia, fazendo uma pós-graduação em Administração Pública. Por ser um grande aluno, João ganhou uma bolsa de estudos em Ciência Política na Universidade do Sul da Califórnia. Depois de reconhecimento mundial, morreu em 2014 no Rio de Janeiro. Essa pequena biografia do autor é para os que desconhecem sua propriedade para falar do tema política, já que se destacou como cronista, mas possuía conhecimento vasto da temática aqui apresentada. Voltando à obra *Política: quem manda, porque manda, como manda*, o autor traz um tema muito discutido e aprofundado por séculos, o que gera uma certa complexidade, mas a forma didática como Ribeiro escreve, facilita a leitura. Os próximos parágrafos trarão um resumo da obra, para que, ao final, a mesma seja analisada.

No primeiro capítulo da obra, *Que coisa é a política*, o autor já inicia com os questionamentos acerca da “política”, diferenciando o que usualmente é visto como “política” do que realmente é a “política”. Dentro do capítulo é abordada a discussão do poder público e da política, com as implicações em tratá-los quase como sinônimos, sendo essa uma visão muito utilizada, porém equivocada. Finalizando, o autor explica como “a Política se preocupa [...] com o encaminhamento de interesses para a formulação e tornada de decisões [...]” (p. 11). O capítulo posterior, *Como a política interessa a todos e cada um*, traz diversos exemplos para consolidação das ideias propagadas no primeiro,

¹ Graduado em Administração pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Mestrando em Administração pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: adllerchaves@gmail.com

demonstrando que a política se faz presente nos locais onde não se imagina e até em situações que poderiam ser ou não políticas, dependendo de como é colocada. Dos capítulos três ao oito, quais sejam, *O Estado, Estado e nação, Soberania, Estado e Violência, O que o Estado faz e O Estado e o indivíduo*, o autor faz abordagens temáticas vinculadas ao Estado. Nessa parte do ensaio, Ribeiro define com exemplos, o conceito de Estado, demonstrando quais são as suas atribuições, a sua importância para a coletividade e também para as individualidades. Em seguida, ele diferencia o Estado nação dos estados brasileiros e apresenta quais são as atribuições do “Estado maiúsculo”. Além disso, o autor discute que dentro de Estados, pode-se encaixar diversas nações, mencionando as implicações que esse processo pode gerar, influenciando, inclusive, aspectos relacionados à soberania.

Os capítulos nove e dez, *Democracias e Ditaduras*, respectivamente, fazem a análise do que vem a ser ambos. Primeiro Ribeiro trata da ambiguidade presente na palavra democracia, afirmando que, assim como política, não é de fácil definição. O autor demonstra que a simples existência de elementos como os “três poderes” ou a “autodenominação de países” não vale muito em termos práticos. Apesar disso, o capítulo dez afirma que mesmo com a ambiguidade e relatividade do conceito de democracia, ela haverá “onde exista soberania popular efetivamente exercida, não importa através de que meios institucionais” (p. 60). O capítulo onze versa sobre um tema que muitos consideram totalmente oposto ao dez, mas o ensaio mostra que não é bem assim. Ribeiro trata o tema “ditadura” mencionando que existe uma complexidade inerente ao próprio tema, exemplificando cada discussão e demonstrando as naturezas que os diversos tipos de ditaduras possuem. Após, no capítulo onze, *Governo e Constituição*, o autor traz a importância das Constituições para os países contemporâneos. O ensaio “faz um passeio” pelas Constituições que foram elaboradas no Brasil, iniciando-se pela primeira e finalizando com a discussão da importância em combater o pluralismo presentes em algumas Constituições.

Na décima segunda parte, *Escolha dos Governantes*, Ribeiro discorre sobre as formas como são escolhidos os governantes. Ele direciona a sua análise nos modelos eleitorais dos Estados Unidos e no do Brasil. Nesse capítulo, o autor trata também do sistema de escolha em modelos ditatoriais e sobre os ‘golpes’ verificados em processos de escolhas de governantes. O capítulo treze discute os *Sistemas Eleitorais*, analisando a complexidade que integra a política institucional. Exemplificando, o ensaio explica sobre os diversos sistemas que existem e apresenta os partidos políticos como peças fundamentais dos modelos políticos utilizados. Sequencialmente, no décimo quarto capítulo, o autor trata justamente sobre este ponto – os *Partidos Políticos*. Ribeiro ensaia sobre as classificações dos partidos políticos, o funcionamento dos sistemas pelas quantidades de partidos e finaliza apresentando os processos de escolhas de candidatos dos partidos para cargos eletivos. No capítulo quinze, *Ideologias e a vida de todo dia*, Ribeiro explana sobre a ideologia como algo norteador da vida humana. A obra aprofunda a discussão das posições políticas de direita e de esquerda, onde o autor mostra alguns paradoxos que as ideologias podem trazer, mencionando que a complexidade da sociedade pode até mesmo unir pensamentos contrários em sua origem. *Quem manda, como manda* é o título que Ribeiro deu ao décimo sexto capítulo da obra. Nele o autor aborda que, em qualquer momento, pode-se estar na mesma posição de “quem você manda”, tentando fazer com que o leitor reflita como a política é influenciadora da sociedade. Também discute o porquê muitos desejam e tentam conquistar o Estado, afirmando que a resposta estaria na conquista da posição formal de poder. O autor encerra o capítulo alertando que devemos observar como as ideologias dominantes mandam em todo um conjunto de pessoas, na sociedade. Após, o autor escreve uma *Conclusão* simples, relatando

que a sua intenção com a obra foi crítico informativa. Ao final, o livro possui um Apêndice, onde apresenta-se dados de “*Como se vota no Brasil*” desde o Brasil colonial, discutindo também as várias Constituições que o Brasil já teve, desde essa época histórica, até à escrita do livro.

A obra em análise, mesmo sendo um ensaio ou um “manual”, termo este utilizado pelo próprio autor, é de rica contribuição para os iniciantes em estudos sobre política ou até mesmo para candidatos a cargos na política institucional. Isso porque João Ubaldo Ribeiro discorre sobre os temas principais da política, explanando, inclusive, o panorama mundial de diversos temas ligados à política institucional, explicando a vertente dos modelos eleitorais, que os meios de comunicação em geral, na atualidade, apenas dão os resultados. Outro ponto importante da obra é que ela traz elementos da história brasileira, realizando todo um apanhado da trajetória política/institucional do Brasil nos últimos anos.

É importante ressaltar que o livro teve sua primeira publicação no ano de 1981, período em que o país vivia uma Ditadura Militar e, apesar disso, o livro possui uma discussão atual e clara sobre o tema proposto. Com a leitura, pode-se chegar à conclusão que a política está presente em todas as dimensões da vida diária, se desenvolvendo com a vida em sociedade. Ela não se limita especificamente ao espaço do Estado. A política é dinâmica e faz com que a realidade esteja em constante transformação, pois a realidade sempre se apresenta como insatisfatória e insuficiente. É importante registrar, consoante mencionado pelo autor, que não existe “política” no singular, mas sim “políticas”, posto que são elas as atividades transformadoras da realidade, da sociedade e da história. Ribeiro acrescenta, ainda, não existe ninguém “apolítico”, mas apenas conservadores que não têm interesse em mudanças sociais.

Com a leitura do livro, pode-se afirmar que cabe à atividade política buscar a transformação das condições materiais da sociedade que permitem renová-la com novas formas de relações sociais e políticas, visando permitir a plenitude da vida individual. Além disso, na política o importante é a capacidade de representação das demandas sociais e não o Estado em si.

A forma com que foram redigidos os capítulos, sintetizando elementos fundamentais para o entendimento sobre política, com pontos para reflexão ao final de cada capítulo, enriquece o livro, incentivando que o leitor assumira uma postura reflexiva, sendo inclusive um dos objetivos do autor, que em sua conclusão afirma:

[...] é uma síntese bem simplificada do muito que já se escreveu e pensou sobre todos esses assuntos. E também é claro que, com estas noções elementares, esperamos apenas que você esteja mais bem informado do que estava antes e, portanto, mais capaz de fazer suas próprias escolhas — não só quanto ao que leu aqui, mas quanto ao que lerá depois e, principalmente, quanto àquilo em que acreditará. Somente através da consciência política podemos aspirar à dignidade humana e à integral condição de cidadão (p. 132).

Esta obra tem sido reeditada e citada por diversos trabalhos acadêmicos, como por exemplo o trabalho clássico de Demo (1988), o que denota sua aceitação. Além disso, ela tem influenciado novos estudos sobre o tema, fazendo com que, juntamente com a obra de Maar (1994), sejam consideradas obras clássicas para a introdução da discussão sobre política em cursos de graduação. João Ubaldo Ribeiro morreu no ano de 2014, mas deixou essa rica contribuição para o debate acerca de um tema que perpassa séculos, a política e suas “artimanhas”. Esse autor contribuiu para o debate

político brasileiro não só com o romance *Viva o povo brasileiro* mas com o ensaio *Política: quem manda, porque manda*, como manda, uma obra que deve ser mais conhecida e explorada. Nesse período que a política tem sido explicada e debatida superficialmente na televisão, nos meios de comunicação em geral e nas mídias sociais, é fundamental que cada pessoa busque conhecimento e informação crítica e esse livro é uma boa base de início.

Referências

DEMO, Pedro. *Participação é conquista*. São Paulo: Cortez, 1988.

MAAR, W. L. *O que é política?* 16. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

Recebido em maio de 2016.
Aprovado em agosto de 2016.